



Joaquim Benite. O encenador que vai ficar na história

Morreu ontem aos 69 anos. Foi o fundador de uma das maiores companhias teatrais do país, a de Almada, e de um dos mais importantes festivais de teatro da Europa

VANDA MARQUES

Não sentia a responsabilidade da posteridade. Acreditava que a história não se fazia de encenadores, mas de escritores. Confessava-o sem mágoas ou manias. “Os encenadores nunca ficam na história. Só os escritores, como o Shakespeare”, disse ao *i* em Julho de 2011. Talvez esse desprezimento seja herança da carreira de jornalista. “Não tenho a responsabilidade da posteridade, já não é mau. O jornalista também sabe que o que faz vai acabar espalhado nas ruas ou pior, como dantes se fazia nas tabernas, que cortavam o jornal em folhinhas, atavam uma corda e punham na casa de banho a servir de papel higiénico. Portanto, andávamos a escrever jornais que iam limpar merda no dia seguinte, é evidente que não se pode ter uma grande ideia de grandeza e posteridade.”

Esse desapego não representava menos rigor, dava-lhe antes liberdade. Mas a carreira de mais de 40 anos e a prateleira com prémios e condecorações indicavam que o caminho era a posteridade. Medalhas de Ouro dos municípios de Almada e da Amadora e as medalhas de Mérito Cultural do Ministério da Cultura e Mérito Distrital do Governo Civil de Setúbal, o grau de comendador da Ordem

do Infante D. Henrique. A lista estende-se além fronteiras, com os graus de cavaleiro e oficial da Ordem das Artes e das Letras de França e o grau de comendador da Ordem do Mérito Civil de Espanha. Tinha ainda no currículo a fundação de um dos maiores festivais de teatro da Europa, o de Almada, criado em 1984, numa região que só queria ver peças de revista. Esquecido não será, porque a história do teatro português não se pode escrever sem ele.

ACTOR Filho de um empresário de teatro, Joaquim Benite nunca pensou seguir os passos do pai. Quando nasceu, em Lisboa no ano de 1943, já o período de ouro do pai tinha terminado. O teatro era apenas divertimento. “Fui actor quando tinha 17 anos, mas percebi que não tinha jeito nenhum. Sou mais de digerir do que de executar”, contou ao *i*.

Foi jornalista de política e, muito raramente, escrevia sobre espectáculos. O primeiro artigo saiu no “República”. Mas foi no “Diário de Lisboa” que começou a fazer crítica e a interessar-se por esta arte. Em 1970 decide deixar a teoria e partir para a prática. “Pensei que não tinha muito sentido escrever sobre o teatro dos outros. Se uma pessoa gosta, é fazê-lo. E fui para uma sociedade de recreio e fiz o Grupo de Campolide.” Jorge



Silva Melo explica ainda melhor a vontade do amigo. “Conheço o Joaquim Benite desde que era jornalista. Andámos juntos nos cafés de Lisboa na boémia da oposição jornalística. Ele detestava o teatro que se fazia na altura”, disse à Lusa. O Grupo de Campolide estreou-se com Benite a encenar a peça “O avançado-centro morreu ao amanhecer”, de Agustín Cuzzani. Foi o início da mudança do teatro em Portugal, como João Mota contou à Lusa. “Foi uma pedrada no charco.” Este teatro antifascista contava já com muitos jovens comunistas e mos-

trava peças nunca antes vistas. Benite recordava esses tempos ao *i*: “Havia censura e era apaixonante fazer, por ser proibido. Uma vez estava na Baixa da Banheira a fazer uma peça e, quando acabou o espectáculo, não se ouvia nem uma palma. Como estava nos bastidores, fui à sala espreitar e estavam 400 pessoas de punho no ar e 12 guardas republicanos à volta, na sala. Tinha havido uma greve na véspera e a polícia estava em força. Chorei. Foi uma coisa de uma emoção terrível.”

A formação amadora de Campolide profissionalizou-se em 1977 no Teatro da Trindade, mas um ano depois Benite deixou Lisboa. “Surgiu a hipótese de vir para Almada e achei que era bom vir para a periferia. Havia uma razão estética e uma cívica. A primeira era que certas opções estéticas são mais bem aceites por um público que não tem convenções e a segunda era a vontade de criar um público. Na altura, todos me chamaram maluco.”

Em 1984, Benite decide dar mais um

Disse ao *i* em Julho de 2011: “Não tinha sentido escrever sobre o teatro dos outros. Se uma pessoa gosta, é fazê-lo”



Fotografado em 2011, nas vésperas de mais uma edição do Festival de Almada, hoje com 28 anos. O encenador colecionava distinções: era comendador da Ordem do Infante D. Henrique, cavaleiro e oficial da Ordem das Artes e das Letras de França e da Ordem do Mérito Civil de Espanha. Confessou que não ligava muito a isso: “Às vezes gozo que nunca mais me mandam o cavalo”

Citações

“Como homem de teatro, Joaquim Benite tem uma dimensão de uma relevância sem par no tecido cultural português”

Cucha Carvalho
DIRECTORA DO TEATRO DA TRINDADE

“Acho que a obra-prima do Joaquim Benite são os seus espectadores, gente calorosa e atenciosa, que se percebe que vai aos espectáculos porque gosta. É a grande herança dele: um teatro que chegou a todos”

Jorge Silva Melo
ENCENADOR

“Benite foi determinante para a construção das artes do espectáculo no Portugal democrático”

Jorge Barreto Xavier
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

“Custa-me muito ver que o Joaquim morre assim porque ainda tinha muito para dar ao teatro”

João Mota
DIRECTOR DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II

“[Benite tinha] uma dedicação e entusiasmo e uma quase obsessão por criar públicos, por manter viva uma tradição teatral”

Maria Helena Serôdio
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CRÍTICOS DE TEATRO

passo na sua carreira e cria um dos mais importantes festivais de teatro da Europa: o Festival de Almada. Foi num discurso em Julho passado, quando recebeu o grau de oficial da Ordem das Artes e das Letras de França, concedido pelo Ministério da Cultura francês – já em 2007 tinha recebido o grau de cavaleiro da mesma ordem –, que contava como surgiu a ideia. “Foi provavelmente nas visitas a esses festivais [Festival de Nancy, Avignon] que me nasceu a ideia do Festival de Almada, criado em 1984, num tempo em que as iniciativas deste género não existiam no nosso país. Posso afirmar com segurança que o Festival de Almada protagonizou uma parte das grandes transformações que se observaram em Portugal nos últimos 30 anos.” Entre os nomes mais conhecidos que passaram pelo festival estão Peter Brook, Oskaras Koršunovas, René Pollesch e Joël Pommerat. Mas Benite nunca se esquecia de quem trabalhava com ele e é nesse mesmo discurso que lhes agradece: “O teatro é uma arte colectiva e as

personalidades que nele emergem não podem deixar de partilhar os seus êxitos com tantos, tantas vezes anónimos, que contribuíram para os resultados alcançados.”

Durante a carreira de mais de 40 anos, Benite encenou textos de Molière, Brecht, Lorca, Pushkin, Beckett, Shakespeare, Gogol, Thomas Bernhard, Camus, Eugene O’Neill, Mikhail Bulgakov, Pablo Neruda, Peter Shaffer, Nick Dear, Victor Haim, Marguerite Duras, Antonio Skármeta, José Saramago e muitos outros.

POLÍTICA Era um homem de esquerda, militante do PCP, e o comité central recorda-o como um grande camarada e uma “perda irreparável para a cultura portuguesa”. Ainda assim, o encenador nunca pertenceu ao aparelho, excepção feita ao cargo de deputado da Assembleia Municipal de Sintra.

Joaquim Benite era voz crítica quanto à política cultural de muitos governos e nunca se coíbiu de dizer o que pensava. Em entrevista ao i, defendia que

não existia uma elite política: “Somos governados por gente ignorante, analfabeta. Não quer dizer que não haja pessoas competentes, não há é uma escola.” Defendia que não se acarinhava a cultura e que a lógica tinha de ser ao contrário da da economia: tinha de se suscitar a procura para haver oferta. “Sabe, acho que vale a pena viver para nos divertirmos. Lutar por coisas, para cumprir missões, não. O teatro é um sinal de civilização que está na origem da sociedade. Até nos animais. Quando chego a casa, o meu cão faz uma dança que parece egípcia, pá. São rituais de representação. Mas o teatro não tem missão nenhuma. É uma coisa que as pessoas fazem porque gostam e as outras vêem porque lhes dá prazer.”

O encenador, de 69 anos, morreu na madrugada de ontem, na sequência de problemas respiratórios devidos a uma pneumonia. O velório realizou-se na Capela de Santa Joana Princesa, em Lisboa, e o funeral acontece hoje no cemitério do Alto de São João, a partir das 14h45.